**Livro “Terra Sonâmbula” de Mia Couto**

Escolhi o livro “Terra Sonâmbula” de Mia Couto por ser representativo de uma cultua diferente da portuguesa (neste caso a moçambicana) e por ser uma obra inclusiva, na medida em que a linguagem poética e imaginativa do autor transcende fronteiras culturais e linguísticas.

A escrita é rica em metáforas e simbolismo, permitindo encontrar significados pessoais na história.

O livro remete para questões universais, como identidade, memória, trauma e esperança, que tocam leitores de diferentes origens e experiências. A narrativa também dá voz a personagens marginalizadas e exploradas, oferecendo uma perspetiva inclusiva sobre as suas vidas e lutas.

Optei pelo primeiro capítulo da obra, “A Estrada Morta”, no qual são apresentadas as personagens principais do romance, a criança Muidinga e o velho Tuahir, enquanto viajam por uma estrada desolada num país devastado pela guerra civil moçambicana (de 1977 a 1982), num período de pós-independência.

Este capítulo estabelece o cenário físico da história e introduz temas universais, como a busca pela identidade, pela pertença e pela esperança. Além disso, a narrativa do autor é rica em metáforas e imagens poéticas, o que permite diferentes interpretações e repercussão emocional nos leitores.

A jornada de Muidinga e Tuahir ao longo da estrada também representa uma metáfora da jornada humana compartilhada, onde as pessoas de diferentes origens e experiências se encontram e compartilham as suas histórias. Assim, o primeiro capítulo de "Terra Sonâmbula" promove a inclusão e a compreensão mútua através da literatura, transcendendo fronteiras geográficas e étnicas.

**Excerto da obra**

“Naquele lugar, a guerra tinha morto a estrada. Pelos caminhos só as hienas se arrastavam, focinhando entre cinzas e poeiras. A paisagem se mestiçara de tristezas nunca vistas, em cores que se pegavam à boca. Eram cores sujas, tão sujas que tinham perdido toda a leveza, esquecidas da ousadia de levantar asas pelo azul. Aqui, o céu se tornara impossível. E os viventes se acostumaram ao chão, em resignada aprendizagem da morte.

A estrada que agora se abre a nossos olhos não se entrecruza com outra nenhuma. Está mais deitada que os séculos, suportando sozinha toda a distância. Pelas bermas apodrecem carros incendiados, restos de pilhagens. Na savana em volta, apenas os embondeiros contemplam o mundo a desflorir.

Um velho e um miúdo vão seguindo pela estrada. Andam bambolentos como se caminhar fosse seu único serviço desde que nasceram. Vão para lá de nenhuma parte, dando o vindo por não ido, à espera do adiante. Fogem da guerra, dessa guerra que contaminara toda a sua terra. Vão na ilusão de, mais além, haver um refúgio tranquilo. Avançam descalços, suas vestes têm a mesma cor do caminho. O velho se chama Tuahir. É magro, parece ter perdido toda a substância. O jovem se chama Muidinga. Caminha à frente desde que saíra do campo de refugiados. Se nota nele um leve coxear, uma perna demorando mais que o passo. Vestígio da doença que, ainda há pouco, o arrastara quase até à morte. Quem o recolhera fora o velho Tuahir, quando todos outros o haviam abandonado. O menino estava já sem estado, os ranhos lhe saíam não do nariz mas de toda a cabeça. O velho teve que lhe ensinar todos os inícios: andar, falar, pensar. Muidinga se meninou outra vez. Esta segunda infância, porém, fora apressada pelos ditados da sobrevivência. Quando iniciaram a viagem já ele se acostumava de cantar, dando vaga a distraídas brincriações. No convívio com a solidão, porém, o canto acabou por migrar de si. Os dois caminheiros condiziam com a estrada, murchos e desesperançados.

Muidinga e Tuahir param agora frente a um autocarro queimado. Discutem, discordando-se. O jovem lança o saco no chão, acordando poeira. O velho ralha:

- Estou-lhe a dizer, miúdo: vamos instalar casa aqui mesmo.

- Mas aqui? Num machimbombo todo incendiado?

- Você não sabe nada, miúdo. O que já está queimado não volta a arder.”

Este excerto retrata a jornada de duas personagens, Muidinga e Tuahir, que fogem da guerra e procuram um refúgio seguro. Apesar das dificuldades que enfrentam e das diferenças entre eles, como a idade e a condição física, eles desenvolvem uma relação de cuidado e apoio mútuo.

Muidinga, o jovem, é descrito como tendo sido resgatado pelo velho Tuahir, que o ensinou a sobreviver e a recuperar a sua saúde. Essa relação entre as duas personagens destaca valores de solidariedade, compaixão e inclusão, mostrando como diferentes pessoas podem unir-se em tempos difíceis para enfrentar desafios comuns.

Além disso, o momento em que discutem como instalar casa num autocarro incendiado sugere uma aceitação das circunstâncias adversas e a adaptação a estas, demonstrando uma atitude resiliente e inclusiva diante das dificuldades. Portanto, este excerto pode ser considerado inclusivo por representar as relações humanas baseadas na empatia e na colaboração, independentemente das adversidades enfrentadas.